

FOLHA LIVRE

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Anno I { S. CATHARINA }

Joinville, 3 de Abril de 1887.

{ BRAZIL }

N.º 11

EXPEDIENTE.

Publica-se aos domingos.

ASSIGNATURAS

6 mezes 3\$000
Pelo correio 3\$500

Pagamento adiantado.

Redacção — Rua d'Agua.

Pede-se aos Srs. assignantes que ainda não fizeram o pagamento de suas assignaturas, o obsequio de o fazer.

FOLHA LIVRE

Joinville, 3 de Abril de 1887.

O abolicionismo

O Ceará deu o signal de alarma e nem podia deixar de ser de outra forma.

A futuro de um povo parece que se estampa até no proprio solo em que elle habita.

Eugene Pelletan, o grande philosopho-poeta, ha muito ja tinha assignalado em sua „Profissao de fé no Seculo XIX“ essa mysteriosa e sublime geographia do progresso:

„Ha uma alma na terra, disse elle, que parece sabir como pelo antro de sybilla e dic-tar a cada povo o oraculo de seu destino.“

O Ceará situado ao norte do vasto terri-torio do Braril e sensivelmente ao lado, está por um acaso singular na posição de um grande coração no corpo de um colosso e essa posição geographica, como se fosse toda providencial e prophetica, parece que devia influir fatalmente para que essa provincia e não outra se tornasse o foco luminoso da prop-aganda abolicionista, como o coração é o fo-co luminoso e inextinguível do sentimento.

Ora, o sentimento fecunda o espirito, como as orvalhadas crystallinas da madrugada te-cundam as sementes no sulco:— o Ceará sym-bolisando o coração fecundou a cabeça.

A cabeça era o Amazonas engastado nos confins do norte.

Depois veio o Rio Grande do Sul. Situa-do alem, nos ultimos arraiaes da Patria, elle como que representava os pés do colosso; isto é: o movimento, a acção, a liberdade.

Ceará, Amazonas, Rio Grande!...

Era o triangulo esplendoroso da alma da humanidade sentindo, pensando e agindo pela causa da redempção do escravo, a fulgir sobre o ceu azul da America, como uma constellação que derrama doces clarões de paz serena e pura!

O impulsionamento operado não cessou, nem cessará mais, porque as idéas são como as aguas que começam por uma gotta no cume das montanhas, isto é: — no cerebro dos iniciadores, porem no vale, isto é: — na alma do povo, a pequena gotta vem transforma-da em torrente ovante que não conhece barreiras e esmaga os obstaculos em doidos turbilhões de colera.

Desvie-se a torrente enquanto ella é gotta d'agua, esmague-se a avalanche enquanto ella é apenas o frêco branco de neve que o ven-to de inverno lançou sobre as escarpas de um rochedo dos Alpes, vença-se as grandes ideas no começo, enquanto ellas não chegam á alma do povo; depois será tarde, porque o povo tem o poder de transformar as grandes idéas em grandes religiões.

Em vão o obscurantismo hypocrita e pro-tervo proclama que o escravo nasceu para morrer escravo' em vão o interesse sordido dos negreiros tem querido, no paroxismo do desespero, antepor diques a essa torrente que avoluma e entruva.

Os reductos do sophisma se despedaçam aos encontrões da vaga; a idéa caminha, cami-nha sempre e á sombra do palladium da san-ta propaganda regorgitam os proselytos da redempção.

Cada dia um novo triumpho se junta ao rol dos triumphos, cada instante um novo lu-tador, arrastado pela attracção irresistivel da verdade e da justiça, vem se reunir aos fa-naticos da victoriosa cruzada.

Em vão as consciencias obsecadas pelo in-teresse proclamam que o Brazil definhará na indigencia se o escravo abandonar a gleba e que da algema despedaçada será fundida a faca do bandido.

Calumnia pungente e vergonhosa!

O Ceará, martyr de tantas fatalidades, com o seio lacerado pelas agonias horriveis da ul-tima secca, protestou heroicamente em nome da religião e em nome da verdade.

O escravo libertou-se, mas ao transpor pa-ra sempre os umbraes malditos da escravidão não partiu o aço da enxada; pelo contrario; trabalhou como outr'ora.

A differença unica foi que o trabalho dei-xou de ser para elle um tetrico pezadello de toda a hora, uma atroz maldição de todo o instante, para tornar-se a flor celeste da con-solação e da esperança.

O homem quer ser livre para ser bom e o trabalho quer ser livre para ser fecundo; manietae o homem e elle se tornara em fêra, arroxai o pulso de Cêres, que a seiva lhe ha de seccar os ceios oberantes.

Se o Brazil está materialmente em estado de lastimavel atrazo, o deve á escravidão que avilta a religião do trabalho.

A nossa industria é nulla.

O nosso commercio é pela mór parte es-

trangeiro.

O que faz o Brazil, pois?

Especula com o escravo na lavoura, e vi-ve do governo pelo funcionalismo.

A mania do funcionalismo entre nós é a prostituição de milhares de caracteres pela adulação e pela politigagem sem nome. A politigagem é nada menos que uma gazúa com que se arromba as gavetas do erario.

A lavoura que é todo o nosso futuro é um vampiro que suga o sangue do negro, é uma especulação criminosa em que o senhor gosa tudo e o trabalhador exhaure-se e morre n'u-ma luta medonha contra o solo, contra a fo-me, o frio, a miseria e o chicote!

O negro é um cão e o senhor é um polvo, um polvo implacavel que só abandona a vic-tima quando a lei Dantas bate na porta e vem reclamar o sexagenario, que o trabalho transformou em espectro e o feitor transfor-mou em automato — n'um homem que já não é mais homem, n'uma vegetação mirra-da e lacrimosa da desgraça, que é vel-a e sentir na alma o assombro que infundem os crimes nojentos e a tristeza infinda que ins-piram os mais negros quadros da miseria!

Oh! como não revoltar-se contra esses ac-tos execraveis!

Como não vencer a cruzada que procura extinguir a fonte de tantas vergonhas!

E quem são os obscurantistas? Os abas-tados, os ricos; isto é — a minoria.

A dignidade do paiz, os preconceitos sa-grados da humanidade são esmagados sacri-legamente aos pés para que um punhado de homens não sacrifiquem os seus interesses!

O povo quer a extincção da escravidão, a dignidade nacional vilmente enlodada o exi-ge, mas o governo sacrifica a vontade de dez milhões de habitantes, para satisfazer a sor-didez de um punhado de negreiros iníquos e colloca um pouco acima da nossa bandeira auriverde o bacalhao do fazendeiro!

Miseria! Fazer do interesse um dogma de ferro, fazer do crime uma religião!

Caim tem na fronte um estigma de estrel-las.

Mas vão tentarem! Em balde Saraiva, no desespero das causas perdidas, procura ainda galvanisar o cadaver da instituição que vosqueja. A algema está podre e tocar mais n'ella é arriscar-se a quebral-a mais depressa.

Saraiva era um politico admirado pela sua moderação; mas morreu para o povo e para a politica.

De toda a sua reputação ficou apenas uma velha carcaça que José Bonifacio quebrou a ponta pés, antes de descer ao tumulo; os frag-mentos hão de ir a posteridade como os echos de uma blasphemia.

Hoje poucos são os negreiros que ousam dizer em face da sociedade as suas idéas; o escravismo se occulta cada vez mais enver-

gonhado do seu negror, espancado pela propaganda, deslumbrado e cego como um morcego pela luz clara, deslumbrante e victoriosa que jorra de todas as partes e de todas as consciencias.

Oh! A victoria é certa, porque a verdade é um Anteo invicto na excencia, mas ainda nos resta por sustentar até aquella hora benedicta uma longa e heroica luta de sarcasmos contra o obscurantismo e contra o interesse.

E' preciso que a imprensa torne-se uma auxiliadora constante, forte, incorruptivel nesse certamen renhido e que deixe de ser simplesmente um labarum para ser tambem uma vergasta implacavel.

Ja se foi a epocha da linguagem pacata e burgueza de quem aconselha paternamente o bem; queremos o protesto masculino e punitivo da justiça, queremos a imposição esmagadora do direito.

E' preciso que se feiche de uma vez o vil mercado de carne humana e quebre-se os dentes á essa besta-féra que se repasta de sangue.

A escravidão, graças ao abolicionismo, enfraquece de numero, mas a barbatidade é a mesma.

Em Joinville appareceram ja escravos e escravas siviciados, estarrapados, semi-nús queixando-se ás autoridades.

Nas fazendas remotas commettem-se attentos medonhos, protegidos pela sombra do mysterio.

Na Côte perseguem-se miserios escravos e envia-se a seus senhores, amarrados como animaes que se levam ás feiras.

O crime vive aqui e ali, descalabrado e nú como a miseria, insultando a dignidade do povo; a Côte, o foco da civilização brasileira, está transformada em praça-forte do escravismo.

Nas pequenas localidades os abolicionistas são muitas vezes execrados como deturpadores da ordem, insultados em seus brios e perseguidos pela calumnia, como sabemos por experiencia!

Comtudo cosola-nos a esperanza de um porvir melhor!

Em Joinville tem apparecido escravos siviciados, mas em compensação ha senhores que tem forrado ultimamente todos os que possuim e á essas almas generosas a FOLHA LIVRE tem salvado cheio de enthusiasmo e agradecido fervorosamente em nome de nossa patria.

Esses actos hão de repetir-se, porque a effervescencia é cada vez mais entusiastica e podemos prophetisar que o 1º districto ha de em epocha não afastada saudar jubiloso a nova aurora.

Até lá estaremos firmes no nosso posto de abolicionistas e lutaremos com todas as nossas torças pelo triumpho da causa enquanto viver a nossa FOLHA e gemer um escravo no captiveiro.

Não pouparemos elogios a todos os actos de humanidade que se praticarem; mas não pouparemos tambem protestos energicos, nem deixaremos de usar, quando for necessario, da linguagem franca, embora pungente da verdade.

Seremos pelo fraco e pelo opprimido, e onde houver uma victima ha de brotar um protesto.

Esposando lealmente, entusiasticamente a

causa do escravo, seguimos a risca os dictames de nossa consciencia e o enunciado do nosso programma, e nessa luta seremos moderados, mas incorruptiveis.

Em nossa bandeira está gravado o lema de ferro da velha Gaulia: — *Fait ce que doit, adienne que pourra.*

O dever, só o dever, embora tenhamos de soffrer nessa luta os ataques do despeito e do odio.

Cahisse embora a FOLHA LIVRE em meio dessa luta gloriosa, antes queremos vel-a desaparecer da arena jornalística do que torná-la um vil pasquim mercenario; antes vel-a extinta do que vel-a prostituida.

Nós somos a mocidade e representamos o porvir; se o contingente das nossas forças é insignificante, salva-nos a boa vontade com que offerecemol-o todo á esta bella provincia.

Temos um ideal na mente, que acalentamos desde o apparecimento da nossa FOLHA: — ver o 1º districto livre e por esse ideal haremos de lutar e relutar.

O Ceará está livre, o Amazonas está livre, o Rio Grande está quasi livre.

Santa Catharina e Paraná devem, impulsionados por esse exemplo grandioso, tentar a extincção do elemento escravo.

O abolicionismo inactivo é tão inutil como as arvores sem fructo; agir, agir e agir eis a mola do triumpho.

E' necessario trabalhar, propagar, convencer, lutar a todos os momentos — é pela perseverança e pela coragem que vence-se consciencias obsecadas; é necessario uma vontade de ferro que caminhe sempre, dispute o terreno palmo a palmo com a persistencia inquebrantavel do dever.

Santa Catharina e Paraná hão de ser livres.

Ceará, Amazonas e Rio Grande não hão de esperal-os por muito tempo á meza do festim da Paz e da Liberdade!

Nós que somos catharinenses entusiastas que um mesmo ideal ligou em Joinville para a luta e para a victoria esperamos confiados na nova aurora, no sol esplendoroso da Vita-Nueva que desponta risinho no porvir.

Esperamos muio do patriotismo do Centro Catharinense, da imprensa da provincia, da generosidade dos bons senhores de escravos.

O 1º districto tem elementos mais favoraveis para libertar-se mais cedo; cumpra o seu dever.

Acabe essa vergonha, essa vergonha secular que ameaça entrar pelos umbraes do seculo XX como um espectro hediondo e teroz, como uma carroça desconjuntada e imunda de lixo rodando ao lado do carro ovante da civilização e do progresso!

Acabe-se com esse tyranno — o negreiro; acaba-se com esse bulldog — o feitor.

O Brazil não precisa de escravos, precisa de homens livres, do trabalho intelligente que progride.

No dia do trabalho livre a industria e a lavoura serão duas realidades grandiosas, o arado ha de sulcar o solo de norte ao sul, do occidente ao oriente, a locomotiva jorrará ondas de fumo pelo espaço como volutas negras de incenso se elevando da terra ao deus torte do trabalho.

O Hymno do progresso ha de sair da es-

cola e do bojo possante das machinas, do mar coberto de brancas velas arqueadas e da terra coberta de cearas florescentes

Até lá, digamos plagiando a phrase do almirante inglez:

— „Filhos, o Brazil espera que cada um de vós cumpra o seu dever.“

E se cumprirem, a victoria é nossa.

A aurora desponta alem, o sol não tarda.

SECÇÃO NOTICIOSA

Com verdadeiro praser temos a registrar mais estas liberdades: No dia 30 do corrente o Sr. Alexandre Justino Regis libertou as suas escravas Anna, parda, de 45 annos de idade e Rosa, de 28 annos, com o contracto de tres annos de serviço, e concedeu liberdade sem condição alguma ao seu escravo Justino, de 58 annos.

Muito bem!

Do mesmo Sr. Alexandre Regis, publicamos na secção competente uma declaração de que filiou-se ao partido republicano, desligando-se do partido liberal, de que era um dos chetes na freguesia do Itapocú.

De Itajaby veio-nos A LIBERDADE, periodico que substituiu a IDEIA. A LIBERDADE diz-se neutra e „alheia inteiramente a politica, visando exclusivamente o interesse do municipio, seu progresso e desenvolvimento.“

Desejamos que o collega, sempre firme no seu programma, tenha longo vida e muitos apreciadores.

De acordo com a nova lei, encerrou-se a matricula de escravos na collectoria desta cidade, ás 4 horas da tarde do dia 30, em presença dos respectivos empregados e dos Srs. presidente da camara municipal, Dr. Frederico Brustlein e do promotor *ad-hoc*, Sr. Carlos Lange. Verificou-se então estarem matriculados neste municipio 97 escravos, um dos quaes já está liberto pelo fundo de emancipação, podendo-se pois, contar 96 escravos, sendo 48 de cada sexo. Estão libertos por não terem sido matriculados os seguintes:

Gil, Antonio, Thomaz, Damasio, José, Jacintho e Josepha, do Sr. José Celestino de Oliveira. Izaías e Jovita, do Sr. Pedro J. de Souza Lobo. Martinho, Vicente e Rita, de D. Anna Rosa do Nascimento. Jacintho e Marianna, do Sr. José Claudio de Oliveira. Margarida e Antonio, de D. Isabel Maria de Jesus. Julia e Domingos, de D. Maria Theza de Jesus Machado. Anna, do Sr. Antonio Seilingo. Paulo, do Sr. Victorino de Souza Bacellar. Manoel, do Snr. Joaquim Soares de Carvalho. Joanna, do Snr. Francisco José Fernandes. Bento, do Sr. Fernando de Assis Pereira, e Domingos, do Sr. Amancio Corrêa.

Das matriculas se verificou esta curiosidade: 48 relações, 48 escravos, 48 escravas, pertencendo a 48 senhores!

O mappa da collectoria no mez de Janeiro passado apresentava como existentes nos dous municipios 114 escravos e pelo resultado da nova matricula vê-se que esse numero durante o anno corrente soffreu uma differença para menos de 22.

Do Sr. Antonio Joaquim Guerreiro de Faria, um dos juizes de facto que funcionaram no Jury que absolveo o réo Ernesto Oppelt no dia 22 do mez passado, recebemos a seguinte carta:

„Sr. Redactor. — Na sua conceituada FOLHA LIVRE, de 27 de Março, na secção noticiosa, vem o resultado das sessões do Jury instalado no dia 21 do corrente. Tenho que apresentar uma contestação á apreciação feita por V., porque o réo Ernesto Oppelt não foi absolvido por comiserção; o que o Jury fez foi desqualificar o crime do art. 205 do cod. crim., porque o acto de corpo de delicto

to negou encommodo de saúde por mais de um mez e tambem não affirmava ter produzido no offendido grave encommodo de saúde. V. deve saber que o Jury só responde os quizitos — sim ou não —. O réo, em vista da decisão do Jury, se tivesse sido preso em flagrante delicto por certo que teria sido condemnado no art. 201 do nosso cod. crim. "Assim espero, Sr. Redactor, que V., revendo o acto de corpo de delicto, retire a censura que pela sua folha nos atirou."

Por mais justo que achemos o facto do Sr. Guerreiro de Faria querer justificar a decisão a que se refere, não achamos procedentes as suas razões. Os jurados são juizes que decidem do facto segundo suas consciencias; ora, o crime deu-se como todos sabem e como ficou evidentemente provado, e merecia por isso uma punição, e não a absolvição que continuamos ainda a censurar por não ser cabida a vista das provas dos autos e dos depoimentos das testemunhas.

Chamamos a attenção da camara municipal para o seguinte: Em Itapoá, no lugar Ribeirão da Corda, ha uma estrada, que passa pelos terrenos do Sr. Alexandre Justino Regis, na qual existe uma ponte que á 14 annos é teita e conservada pelo Sr. Regis até o anno passado, quando a camara municipal, levada por um *abaixo assignado* de alguns moradores dali, fez declarar que aquella estrada e ponte estavam reconhecidas como — serventia publica —. Tanto bastou que a camara estendesse o seu dominio até aquella estrada, alias particular, para que a sua conservação piorasse, a ponto de hoje já não existir mais ponte alguma, vendo-se os transeuntes na necessidade de passar por outro caminho feito em terrenos do Sr. Regis.

Para bem publico urge que a nossa edilidade mande construir aquella ponte e melhorar a alludida estrada ou então desfazer o que a camara passada fez, quando presidida pelo Sr. Germano Lepper, mandando entregar a as Sr. Alexandre Regis, que a conservará, como tem feito a 14 annos, com o que nos parece muito lucrarão os transeuntes daquella estrada.

— Já que tocamos em tal assumpto, faze-mos esta outra reclamação á nossa camara. O fim da estrada de S. Catharina (extremo sul) acha-se por tal modo coberta de mato, que já vae-se tornando custosa a passagem por ali; accrescendo que as vesículas do mato são. Uma simples roçada de quando em quando é o facilimo remedio para cura de tal mal. Seremos attendidos?

Para o Rio de Janeiro seguiu no dia 29 do passado, no vapor "Victoria" o Sr. Alfredo Emilio Nobrega de Oliveira, filho do Sr. coronel José Antonio de Oliveira, de S. Francisco.

O Sr. Alfredo de Oliveira foi acompanhado até bordo por muitos amigos seus.

Recebemos da Directoria da Bibliotheca Fluminense, da corte, um officio pedindo a remessa da nossa folha. Agradecendo-lhe a bondade com que nos tratou em seu delicado officio, com muito praser corresponderemos ao seu appello.

Escrevem-nos de S. Francisco que consta ali brevemente reapparecer o "Democrata", e que acha-se naquella cidade, de volta do sul, o conterraneo Sr. Bento Gordiano de Carvalho, representante da importante firma João da Silva Cardoso, do Rio de Janeiro.

Temos recebido regularmente o "Livre Paraná" folha republicana, muito bem redigida, que apparece em Paranaguá.

Agradecemos ao collega as palavras amistosíssimas com que saudou o nosso apparecimento. Visitaram-nos tambem:

O "Seculo", folha critica que sob a redacção do jornalista rio-grandense Miguel de Werna, se publica em Porto-Alegre. Simplesmente impagavel.

A "Immigração", organo da sociedade central da immigração, publicado na Corte. Muito sympathica por advogar uma causa *du jour*.

O "Acaruhybe" de Nazareth (Bahia). Agradecemos.

Resultado da copiosa chuva que desde a noite de 31 tem cahido sobre esta cidade, uma grande enchente, tal como nunca houve aqui, surpreendendo na noite de 1º a população da cidade. No porto e em muitas outras ruas as aguas chegaram a entrar até pelas janellas, causando avarias nos moveis, nos generos de algumas casas de negocio, e prejuizos de outros, como de saccas de farinha, barricas de herva matte, etc. Muitas canoas transportaram pela madrugada para lugares mais altos as familias que não podiam se conservar em suas casas, outras familias foram para os sotãos; e pela manhã de hontem muitos se recrearam passeando em canoas pelas ruas do Principe, Cachoeira, do Meio, Porto de cima, Ludovico, d'Agua, S. Pedro e pelas que ficam no porto. Desabou um bocado da aba do morro em que está a loja maçonica.

As 6 horas da manhã principiou a declinar a enchente. A hora em que escrevemos esta, não recebemos pormenores do que poderia ter havido pelas estradas.

Com as reparações necessarias na estrada D. Francisca, ultimamente damnificada pelo temporal que houve, o ministerio d'agricultura autorisou a despender-se a quantia de 3:000\$000.

Pelo pagamento de cem mil reis mensaes, obrigou-se o empresario do vaporzinho "D. Francisca" para com a Companhia Nacional, a transportar de S. Francisco os passageiros e a mala vindos no vapor "Humaytá."

Tendo certo peculio para sua alforria, o escravo Luiz, de propriedade do Sr. João Gomes de Oliveira, pretendeo libertar-se. Requerendo ao competente Juizo, em seu nome, o nosso companheiro de redacção Leonidas de Barros, foi nomeado curador do escravo, que foi depositado. Chamado a Juizo em audiencia do dia 1º, o senhor do escravo não concordou ceder-lhe a liberdade pelo dinheiro que elle possuia, devendo-se, pois, segundo a lei, nomear avaliadores por parte do senhor e do curador.

Do resultado faremos conhecer aos nossos leitores no numero seguinte.

SECÇÃO AMENA

TESOURADAS

(VELHAS COISAS E LOISAS.)



Aos leitores. O Congresso por causa das chronicas elegantes do "De binoculo" zangou-se. O sexo das anquinhas queixou-se de o termos chamado de "reflexo pallido da belleza antiga" n'uns rabiscos que escrevemos sobre a mulher de hoje e a de outrora.

Alguns rapazes tambem ficaram furiosos com aquelle artiguetto chamado as "Mãos sujas". As sogras andavam que nem tarantulas e diziam cobras e lagartos das Coisas e Loisas. Pegou-nos macaca.

Estavamos em apuros; odiados como dois internacionalistas, arriscados a não dansar no Congresso, a soffrer desacatos e a morrer envenenados pela lingua viperina das sogras. Nesta situação medonha consultamo-nos.

— Gonsalo, o caso é grave!

— Gravissimo, Curuvina.

— Que fazer pois?

— Que fazer pois?

Passou-se um momento de silencio; meditavamos com a contença de espirito necessaria para resolver a quadratura do circulo e descobrir a directriz dos balões (não os de mulher.)

Mas, oh! um raio de luz divina desalumbrou-me. Dei um salto.

— Eureka! achei!

— Sim? pois conta lá.

— Ora diga-me o que faz o monge não é o habito?

— Por certo! isto é chapa.

— Pois então quem sabe se não é o nosso habito, isto é: nosso titulo que nos encaipora? Monge que muda de habito muda de pessoa: mudemos de titulo que faze a macaca e lá se vão os odios antigos.

— Tu és um genio, homem!

— Está bom!... está bom!... trata-se agora de outra coisa. Qual será o novo titulo?

— Qualquer cousa. "Tesouradas" por exemplo.

— Pois seja. Coisas e Loisas a terra te seja leve.

— Amen.



No dia 1º de Abril pregaram-nos um logro tão bem arranjadinho, cousa tão limpa que não podemos nos furtar ao desejo de contar á nossas amaveis leitoras, como se deu o facto.

A's 8 horas da manhã mais ou menos, depois de termos saboreado a pequenos góles compassados duas chicaras de fino moka, estavamos acocorados a um canto, aborrecidos com a chuva miuda que fazia um ruido narcotizante nos vidros das janellas e no macadam das ruas, fumando um cigarrinho delicado e perfumoso que nos enchia de uma simlencia doce, quando percebemos uma cartinha mimosa, macia e perfumada escripta com letras quasi microscopicas e assignada por uma das moças mais gentis e sedutoras d'esta terra. Na carta disia-nos ella que as moças de Joinville haviam combinado entre si fazer-nos uma manifestação de apreço pela maneira cavalheirósa e digna com que temos nos portado para com ellas; dizia mais que á tarde iriam todas em grupo á nossa residencia, levando as flores mais bonitas de seus jardins, para com ellas nos engrinaldarem, entoando por essa occasião uma canção esplendida de um compositor celebre, para afastarem-se o mais possivel da chapa-discursão —, que a chuva de modo algum éra obstaculo para que deixassem de effectuar o que tinham em mente. Ficamos depois da leitura d'essa carta alegres, como Colombo ao pisar pela vez primeira nas terras virgens da America; imaginamos cousas que só podem imaginar os tomadores de opio. Tratamos logo de preparar dous monumentaes discursos-cacetes, para serem improvisados no momento solemne.

Estudamos posições, gestos, maneiras delicadas, tudo afinal que poudesse dar mais realce ás nossas sympathicas individualidades.

Deu meio dia, approximava-se cada vez mais a hora. Veio a tarde e nada. Anoiteceu e ainda nada. Já estavamos verdadeiramente zangados. Teria ella nos enganado! Teria nos feito de petécas! Teriam medo da chuva. Era incrível!

Uma moça tão séria, não poderia ter caçoado connosco. Entretanto não chegava a manifestação que com tanto entusiasmo esperavamos. Por mais que olhassemos para a pequena esquina, nada d'aquelle lado apparecia que de leve se assemblesse com um grupo de moças. Ficamos furiosos, dava-nos vontade de nos morder mutuamente. A mina da coléra estava prestes a fazer explosão. Haviamos de tomar uma satisfação tremenda. Depois de termos lançado o ultimo olhar desenganado sobre a rua escura, por acaso

demos com a vista em uma tolhinha pendurada sobre a nossa meza de estudo.

1º de Abril!

Não podemos deixar de soltar uma dessas gargalhadas estrondosas, francas e prolongadas que fazem doer a barriga e virem as lágrimas aos olhos.

Damos parabéns á moça que nos deu uma lição tão útil, mostrando que não somos tão finos, tão atilados como até aqui nos julgávamos.

GONSALINHO E CURUVINA.

SECÇÃO LIVRE

Partido republicano.

Pela „Folha Livre“ de 27 do passado veio a *Raposa*, com as artimanhas que são peculiares aos da sua raça, aconselhar-me que deixe de escrever a favor do partido republicano, que com espantoso triumpho vae conquistando dia a dia as mais fortes e poderosas adhesões pela sublimidade dos seus principios.

Não sei em que lhe encomodem os meus escriptos a tal respeito! Como *Raposa*, talvez ande a farejar as *uvas* do theouro, fiel assim ao seu programma monarchico.

Quanto ao facto de se terem alguns republicanos passado para os partidos da monarchia, renegando as suas idéas, pergunto: quem perdeu com isso? os apostatas que regressam, e que a historia (se elles merecerem ir para a historia) ha de apontar como trahidores á causa da democracia, ou o partido republicano para o qual estam-se passando constantemente os monarchistas bem intencionados, indignados com as misérias dos dous partidos?

A idéa republicana não tem soffrido com a expurgação dos ambiciosos, e tem lucrado em numero e qualidade com os novos adeptos que lhe trazem — patriotismo, desinteresse, luzes e experiencia.

A vista do seu argumento tão contradictorio com os factos, das duas uma: ou *Raposa* não sabe o que diz, ou diz o que não sabe.

Joinville, 31 de Março de 1887.

Nemo.

Ao Forragaita

O Forragaita não seria um dos dez que condemnou o pobre rapaz, sem haver uma só testemunha de vista, e que por bocas pequenas ja dizem que está innocente?

Olho vivo.

Declaração

Conscio de que nunca os partidos monarchicos, sob qualquer denominação, farão a felicidade do paiz; e que os dous partidos mais fortes que tem gerido a alta administração tem falceado o seu programma e dolosamente angariado votos para terem o poder, que só lhes dá o Rei quando quer: por esses motivos declaro que desde a ultima eleição senatorial por esta provincia pertenco ao partido republicano.

Relevem os ex-correligionarios liberaes a minha ausencia de suas fileiras, por isso que, conscientemente, não posso continuar a pertencer a esse partido, e agradeço-lhes a distincção com que sempre fui tratado por aquelles ex-correligionarios.

Joinville, 30 de Março de 1887.

ALEXANDRE JUSTINO REGIS.

EDITAES

S. Bento

De ordem do Illmo. Snr. Administrador dos Correios da provincia de Santa Catharina, faço chamar concorrentes ao serviço da condução das mallas entre esta villa e a do Rio Negro, devendo os proponentes apresentar nesta agencia as suas propostas em carta fechada até o dia 15 de Maio do corrente anno, afim de serem remetidas á administração provincial.

Agencia do Correio da villa de S. Bento, 20 de Março de 1887.

MARIA GERY KAMIENSKY,
agente do Correio.

Correio

Por ordem do Illm. Snr. administrador dos correios faço publico que se acha aberta a concorrência para as propostas de condução das malas postaes entre esta cidade e a villa de S. Bento durante o 1º semestre do exercicio de 1886 a 1887.

As propostas devem ser apresentadas nesta agencia em carta fechada até o dia 10 de Maio vindouro.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados se faz publico.

Agencia do Correio de Joinville, 25 de Março de 1887.

O agente

FRANCISCO MACHADO DA LUZ.

ANNUNCIOS



UM CARRO DE 4 RODAS

novo com tirantes para 1 e dous cavallos, vende-se por preço commodo em casa de

C. J. PARUCKER.



Chacara a venda

VENDE-SE

uma boa chacara, com grande quintal e po-treiro, sita a rua do Mercado, perto da esquina da rua de S. Pedro; quem pretendel-a dirija-se a

JOÃO LEAL DE SOUZA NUNES.

Pelles de lontra

compra

SCHWARZ, selleiro.



VENDE-SE

duas casas de morada; uma sita a rua de Jorge (perto da rua do Meio) com bonita varanda e bons commodos; outra sita a rua de Augusto. Para tratar com o proprietario

F. KÖHLER, marceneiro.



VERENA KÜHNE e todos os parentes de seu prezadissimo esposo

Louis Kühne

fallecido no dia 26 de Março ultimo, agradecem do intimo d'alma o caridoso obsequio a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a ultima morada os restos mortaes do mesmo finado.

GRANDE DEPOSITO DE FUMO, CHARUTOS E CIGARROS

NO

HOTEL YPIRANGA

Rua d'Agua

Acaba de receber excellentes fumos Rio Novo, Goyano, Pomba, Barbacena, Baependy, Cosmopolita, Independencia, Caporal Mineiro.

— Charutos nacionaes e estrangeiros de diversas marcas. —

PALHAS FINAS E GROSSAS.

PAPEL AMBRÉ, PAPEL ENCERADO &C. &C.

Chama-se a attenção dos freguezes e amantes do que é bom neste genero.

RUA D'AGUA